

A Memória e o Patrimônio no Espaço Urbano: a Avenida Goiás em Goiânia

Danielle do Carmo

Mestre em Memória Social e patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (2014), é graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás (2008). Participou do projeto de pesquisa Sistematização da Documentação Referente ao Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Goiás (IPHAN-FUNAPE-MUSEU ANTROPOLÓGICO/UFG). Recentemente foi agraciada com o Prêmio Mário Rosa de Mérito Acadêmico em Geografia, Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais- Universidade Federal de Pelotas.

Gostaria de agradecer o convite para participar desta conferência. Falarei um pouco do meu trabalho e também da parte subjetiva da pesquisa, que geralmente é algo que não aparece na escrita final da dissertação. Como cheguei nesse tema, porque optei por ele e como a pesquisa foi desenvolvida. O título da pesquisa é A Memória e o Patrimônio no Espaço Urbano: A Avenida Goiás em Goiânia. A Avenida Goiás é uma das principais avenidas de Goiânia; foi uma das primeiras da cidade.

Quando o interventor Pedro Ludovico Teixeira decidiu construir Goiânia, a avenida Goiás já constava no traçado original. Eu sempre vivi no centro da cidade, onde se localiza essa avenida, e quando pequena sempre passava por ela. Quando eu tinha uns 10 anos, isso nos anos 90, a avenida era o trajeto para ir para escola. Quando eu passava por ela sentia medo, porque era suja, abandonada e na época tinha o comércio ambulante. Fui crescendo e vendo as transformações da paisagem dessa avenida e do Setor Central.

Quando eu tinha uns 16 anos, presenciei uma grande transformação que foi a requalificação dos canteiros da Avenida Goiás. O comércio informal da avenida foi retirado e restituíram os seus jardins. Todas essas lembranças e vivências da Avenida Goiás começaram a me afetar de uma forma mais objetiva quando entrei no mestrado. Só depois de muito tempo que veio à minha consciência os motivos que me levaram a escolher esse tema.

Passei a vida escutando histórias do passado da Avenida Goiás, então quando eu olhava a avenida não via só a paisagem atual, eu enxergava uma série de coisas e temporalidade sobrepostas. Muitas vezes, ao transitar por ela, minha tia-avó Lili contava sobre o vai e vem (mais conhecido como footing) que ocorria na época dela, isso na década de quarenta. A partir disso, percebi a necessidade

de coletar e registrar as narrativas memoriais desse espaço. Paralelamente, eu também estava estudando muito a questão do patrimônio cultural. Dessa forma, me aprofundi na análise do processo de patrimonialização ocorrido em Goiânia em 2002, quando alguns prédios e monumentos em Art Déco e o traçado urbanístico original da cidade foram reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural nacional.

Estudando isso percebi que aquela requalificação que acompanhei quando tinha meus 16 anos foi consequência dessa valorização patrimonial ocorrida na cidade, porque entre o traçado das várias vias originais tombadas estava a Avenida Goiás. Além da via, alguns elementos como o Grande Hotel, a Torre do Relógio e o Coreto, que ficam localizados na avenida, também foram alvo de tombamento pelo IPHAN e nisso o poder público viu a necessidade de revitalizar essa área. Então, notei que a transformação da paisagem da avenida estava diretamente ligada ao processo patrimonial ocorrido em âmbito nacional.

Com todas essas informações, em um primeiro momento, parti para a pesquisa documental e histórica. Assim, pesquisei nos arquivos do IPHAN, da Secretária de Planejamento do município, em busca de documentos sobre a avenida, sobre o processo de tombamento e requalificação do espaço. Depois, em um segundo momento, realizei as entrevistas. Qual era o meu objetivo em fazer entrevistas? Era ver o que fica na memória, da paisagem do lugar, porque no presente a gente vê; se saímos na rua, vemos a avenida revitalizada, o comércio, os bares, mas se conversamos com alguém mais velho que viveu aquele espaço em outros tempos, eles vão contar uma série de coisas sobre comércios que existiam e não existem mais, práticas socioespaciais que existiam naquela época, como o *footing*, como eu havia falado.

O *footing* era conhecido como o vai e vem, na década de 40 e 50, na frente do grande hotel, onde os meninos andavam para um lado e as meninas andavam para o outro e piscavam, e esse era o flerte da época. Isso tudo me interessou muito, ver que havia todo um passado invisível, não registrado e esparso, porque até encontrei algumas coisas em algumas dissertações, em alguns livros, mas era tudo muito esparso e eu achei muito interessante essa possibilidade. Sobre a escolha do grupo de amostra, sobre essa questão de quem entrevistar, optei por

indivíduos do meu grupo familiar. E conversando muito com o meu orientador – essa pesquisa foi feita sob a orientação do Prof.Dr. Sidney Vieira, da Universidade Federal de Pelotas - chegamos à conclusão de que não teria nenhum problema, porque iríamos trabalhar com a categoria, a paisagem, aquilo que era visto, então, não entraríamos em questões subjetivas, nem em histórias de vida.

Optamos, enfim, por esse grupo e, então, foram entrevistados oito indivíduos da minha família. Perguntei quem gostaria de participar, os mais velhos e os filhos, com faixa etária de 70 a 80 anos entre os mais velhos, e os mais novos entre 40 e 50 anos. Em um primeiro momento, tentei entrevistar um por um, mas escutei muito: - “Ah não! Fala com sua tia, que ela vai saber te explicar mais, eu lembro que era assim, mas eu não tenho certeza.”

Assim, notei que as pessoas não conseguiam desenvolver, não falavam muito e percebi que se fossem colocadas em grupo, uma se apoiaria na memória das outras e isso foi incrível, porque além de se apoiar nas lembranças, uma lembrava de uma coisa que levava a outra, e isso era fantástico, foi uma experiência fantástica. E dessa forma, escutando as narrativas, pude perceber nas lembranças narradas as diversas paisagens da avenida, as diversas coisas que se faziam lá, e eu também percebi como é que o patrimônio se apresentava nessas narrativas e isso tudo para mim foi muito interessante. Enfim, irei apresentar um roteiro da minha pesquisa, e penso que assim conseguiremos visualizar bem como ela foi construída e narrada depois.

A Avenida Goiás foi projetada para ser o norte-sul da composição urbana de Goiânia, ligando a Praça Cívica à antiga Estação Ferroviária. A história dessa avenida se confunde com a história da cidade, até porque ela foi planejada para ser parte do centro comercial do município. Ela corta a região central da cidade. Em uma ponta temos o Palácio das Esmeraldas, que é o centro do Governo Estadual, e na outra, temos a Praça do Trabalhador onde fica a antiga estação. A rodoviária também fica na mesma região, ou seja, para chegar na cidade, tínhamos que passar pela avenida Goiás.

Em outubro de 2003, aconteceu a obra de requalificação paisagística e isso gerou um grande impacto na paisagem da avenida e, portanto, na região central

da cidade, já que era um lugar de marginalidade, um local degradado, feio e onde ninguém gostava de ir. Eu percebi, como moradora, uma mudança na dinâmica do lugar: a avenida começou a ser mais frequentada, os comércios mais valorizados e observei com a pesquisa que isso realmente aconteceu. Essa obra ocorreu depois que o acervo Art Déco foi reconhecido como um patrimônio da nação.

Portanto, após mais de 20 anos de abandono desde seu último processo de requalificação, vemos que o processo patrimonial fez com que o poder público voltasse sua atenção para esse espaço e o requalificasse. Foi a partir disso tudo que construí meu problema: Como o patrimônio cultural edificado dialoga com as narrativas memoriais que apresentam como pano de fundo paisagens de diversas temporalidades da Avenida Goiás?

A Paisagem Atual da Avenida Goiás

Projetada para ser o eixo norte-sul da composição urbana de Goiânia, a Avenida Goiás é a principal avenida do centro da cidade. Possui cerca de 1.700 metros de extensão e estima-se que mais de 200 mil pessoas transitam diariamente em suas calçadas e ilhas. Desse modo, podemos dizer que o fluxo de pessoas nesse espaço se daria por dois motivos principais: o deslocamento de um lugar ao outro devido à sua estrutura de transporte urbano e em função do comércio local.

Quanto aos canteiros centrais, podemos observar que os bancos da avenida são constantemente ocupados por pessoas que estão esperando o ônibus, casais namorando, turma de amigos conversando e indivíduos que estão somente descansando ou observando o movimento. A paisagem atual da Avenida Goiás apresenta bancas de revistas, prédios residenciais e comércios. Em suas ilhas centrais temos jardins, bancos, pérgulas com vegetação, calçada para passeio e pontos de ônibus. Podemos observar alguns prédios que passaram por processo de restauro, mas já estão todos pichados, o que é um problema comum entre as edificações, e ainda uma forte presença do comércio ambulante.

Pesquisando a história da avenida percebi que ela foi e ainda é espaço de manifestações, foi local de passagem de paradas LGBT e de acampamento de estudantes em uma greve da Universidade Estadual de Goiás (UEG), entre outras, e inclusive foi palco de uma grande manifestação em 2013. Em consulta a outras fontes e escutando as narrativas, percebi que a Praça do Bandeirante, que se localiza na Avenida Goiás no cruzamento com a Avenida Anhanguera, também era um local de intensas discussões políticas durante a década de 1950.

Realizando uma análise de fotografias da Avenida Goiás, pude observar o processo de metamorfose espacial do lugar. Em uma vista aérea do local na década de 1930, podemos encontrar somente o Grande Hotel ao fundo, que foi a primeira construção da avenida. Nas imagens das décadas de 1940 e 1950 podemos observar as ilhas centrais jardinadas com alguns bancos distribuídos por elas. Hoje o espaço encontra-se semelhante a essas imagens, foi a inspiração dessa época que trouxeram para os dias atuais.

Já em fotografias das décadas de 1980 e 1990 encontramos ilhas centrais sem jardins e com palmeiras imperiais. Durante a semana, além do movimento de pessoas e ônibus, o que mais chamava atenção eram as lonas azuis que tomavam conta de todo espaço da ilha. Essa é a imagem que guardo do tempo da minha infância, quando tinha medo do lugar. Não dava para transitar e aproveitar os espaços da avenida, era só comércio informal e ônibus, era bem agitado.

Entendemos o patrimônio, então, como uma forma de abordagem da memória, mas temos consciência também que o discurso patrimonial reproduz a narrativa da história oficial, privilegiando alguns elementos do tempo em detrimento de outros. No caso do processo ocorrido em Goiânia, o acervo arquitetônico urbanístico Art Déco privilegia a época da construção dos primeiros tempos da cidade. Se focarmos a atenção somente no acervo arquitetônico urbanístico Art Déco não estaremos levando em conta as outras temporalidades, como várias construções da década de 60 e 70, por exemplo, que também são relevantes arquitetonicamente, mas não entraram no processo de tombamento justamente por suas características. Porque quando um tombamento nacional é

proposto, deve haver um significado e um recorte que entra em consonância a determinado período da história da nação, além dos significados regionais.

Realizando um estudo do dossiê de tombamento, percebi que o significado nacional e o valor do bem se relacionam com a época de retomada da construção de novas cidades, cidades planejadas, da Marcha para o Oeste da política de Getúlio Vargas. Nesse sentido, Goiânia representa um novo momento de criação de cidades no País. Algumas pesquisas dizem que Brasília foi possível porque a existência de Goiânia deu suporte para a sua construção. Assim podemos perceber que a história que é evocada é a narrativa oficial dos primeiros tempos da cidade, pensando na perspectiva regional.

E o que significam as formas do Art Déco? O Art Déco foi um movimento artístico derivado das artes decorativas e tem como característica o uso de traços retilíneos. As construções conseguiam causar uma impressão monumental sem grandes gastos. Dizem que o Art Déco foi uma das orientações arquitetônicas preferidas dos estados totalitários. Assim, vemos a relação das formas com o governo do Getúlio Vargas, ou seja, ela representa uma época.

Se formos olhar os significados regionais para o uso dessas formas, observamos a vontade de rompimento com o passado. Quando Pedro Ludovico resolveu transferir a capital da Cidade de Goiás para Goiânia, ele queria que a cidade representasse a modernidade e naquele momento a modernidade possível foi o Art Déco. Podemos observar o uso dessas formas em filmes futuristas, como o alemão *Metrópolis*. O uso desse estilo foi comum entre os prédios públicos e não tão comum nas construções dos moradores da cidade. Nesse sentido, Llorenç Prats (1998, p. 64) diz que a construção do patrimônio cultural é um processo de legitimação simbólica das ideologias porque consistiria na seleção de determinados bens a partir de determinadas fontes de autoridade.

Portanto, nesse trabalho, propus um deslocamento de foco para além da memória oficial representada pelo processo de tombamento arquitetônico e urbanístico. Fomos em busca de uma memória cotidiana da avenida. Para isso, selecionei um grupo específico: duas gerações de uma mesma família.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foi realizado o levantamento bibliográfico, documental e entrevistas semiestruturadas. Para a composição do

trabalho, nos baseamos em Ecléia Bosi (1994, p. 99-200), que diz “cada geração tem de sua cidade a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”. Então, a geração representada por Lidoneta, Maricota, Helena, Joaquim e Cacilda viveu a Avenida Goiás mais intensamente nas décadas de 50 e 60, que é a época da juventude deles, os idosos focam suas narrativas no passado em que eram jovens.

Já a geração de Eliane, Luciana e Cristiana nos apresentou narrativas memoriais que se iniciam na década de 70 até os dias atuais, que se referem também à época de infância e juventude delas. Como já disse anteriormente, nessa primeira etapa tentamos realizar entrevistas individuais, só que depois percebemos que sempre falavam: Chama fulana, ela tem melhor memória do que eu. Logo, a gente partiu para as entrevistas em grupo, que chamei de entrevistas dialógicas.

A coleta e organização de todos esses dados, toda a documentação e a forma de construção da minha dissertação foram feitas à luz do método progressivo regressivo do Henri Lefebvre. Primeiro observei e descrevi o objeto no presente. Tem uma parte na dissertação que só descrevo a Avenida Goiás como ela é hoje, o que é realizado, o que as pessoas fazem nela, pra quê ela serve, o que representa no momento para a trama urbana da cidade e como se apresenta a paisagem atual.

Num segundo momento vou para o passado. Realizei pesquisas documentais para entender como ela se construiu e foi construída pela população e pelo poder público. Como as relações e as contradições que hoje existem nela foram geradas. Depois volto ao presente e relaciono o presente ao passado. Eu tento descobrir onde surgiram as questões apresentadas pelo presente. Além disso, meu orientador me propôs um exercício que foi, na verdade, um desafio: fazer uma projeção para o futuro.

Para realizar essa leitura de futuro usei como base projetos que estão em andamento, como a construção do BRT (Bus Rapid Transit) de norte a sul afetando a paisagem da avenida, cuja execução no trecho ainda está em estudo. Acredito que isso se deve aos limites impostos pelo processo de tombamento que não permite a modificação das dimensões da via. Outros projetos que podem

impactar diretamente a dinâmica da Avenida Goiás são o processo de requalificação da Praça Cívica e a restauração do prédio da antiga Estação Ferroviária.

Nas narrativas sobre a Avenida Goiás encontramos coisas interessantes. A Luciana, que hoje está na casa dos 50 anos, disse: - A nossa vida se resumiu onde? Nas Avenidas Goiás e Araguaia, não é? Ela disse isso conversando comigo, com a mãe e com as irmãs. Aí a Eliane falou: - A Avenida Goiás representou muito na minha vida em termos de emoção, de sentimento, nossa vida girava em torno dela duas vezes por semana; o tempo que eu passava lá na minha avó, que a gente ia passear, era o trajeto para chegar ao Teatro Goiânia e nos cinemas, tinha que obrigatoriamente passar pela Avenida Goiás, então era marcante. A Eliane é filha de Maricota e neta de Clementina, a matriarca da família. Então, até mesmo os filhos que moravam no interior do estado iam para casa dela todos os finais de semana para ir à missa e almoçar.

Alguns elementos se repetiram em vários trechos das entrevistas. A primeira geração falou muito sobre o *footing*, que era esse vai e vem que a juventude comparecia para flertar; falaram muito sobre a Brasserie Bandeirante, que era a sorveteria da época. E na entrevista com Joaquim, o único homem entrevistado, surgiu o bar Royal, que era onde os rapazes da época ficavam tomando cerveja.

Outras coisas que apareceram de uma forma muito forte foram os desfiles militares e as paradas cívicas, atividades das quais os representantes da segunda geração mais assistiram do que participaram. A primeira geração participou ativamente, porque estudavam em escolas e os desfiles e as paradas cívicas aconteciam na região da Avenida Goiás. A feira Hippie também foi muito citada pelas duas gerações; ela existe até hoje, perdeu seu caráter artesanal, mas sobrevive na Praça do Trabalhador. Essa feira começou na Praça Cívica e passou grande parte do tempo na Avenida Goiás. A segunda geração que viveu isso diz que lá tinha artesanato e que era promovida por “hippies de verdade”.

Uma coisa fantástica que encontrei nas narrativas foi a vista da rodovia quando se olhava para Goiânia. Eliane via o que chamava de “bolo de noiva”, que eram os primeiros prédios da Avenida Goiás e da cidade com mais de cinco

pavimentos. Ela disse que vindo da cidade de Trindade para Goiânia via um “bolinho de noiva”. Dessa forma, podemos notar a verticalização da paisagem da Avenida Goiás nas narrativas e a metamorfose da paisagem. As pessoas entrevistadas falam sobre o cenário que puderam vivenciar, falam sobre as modificações nos canteiros centrais da avenida, na diminuição do tamanho da via para a implantação de corredores de ônibus e de outros elementos que foram se modificando no decorrer do tempo.

Com essas narrativas, podemos perceber que há uma memória compartilhada da Avenida Goiás que está presente nas vozes desse grupo familiar, que por meio das recordações individuais nos permitiram conhecer as paisagens, os espaços e suas práticas, que foram elaborados na Avenida Goiás entre os anos de 1950 e 1990. Essas pessoas acompanharam tanto as mudanças das paisagens, do espaço físico, quanto das apropriações das práticas socioculturais que ocorreram na avenida.

Antes de falar do desdobramento da patrimonialização, falarei um pouco sobre como o patrimônio aparece nessas narrativas memoriais. Alguns dos elementos que foram incluídos no processo de tombamento, como o Grande Hotel e a Torre do Relógio, aparecem nas narrativas memoriais, mas não por ocasião de festas ou eventos. Quando li memórias publicadas de fundadores da cidade e de pessoas consideradas importantes para a história de Goiânia, grandes festas no Grande Hotel eram frequentemente mencionadas, mas percebi que somente uma elite esteve presente. Já nas narrativas coletadas na pesquisa, as calçadas do Grande Hotel aparecem como o local de lazer e passeio.

Quanto à Torre do Relógio, por sua própria função, ela aparece como o lugar em que se marcava o horário para se encontrar. As edificações aparecem em relação ao seu uso, não necessariamente vinculadas à sua forma arquitetural ou seus significados. Já o Coreto era usado para as bandas de música se apresentarem e até mesmo para discursos políticos. Assim, pude perceber a forma como o patrimônio se relaciona com essas narrativas do cotidiano.

Um dos desdobramentos do processo de tombamento foi a requalificação paisagística da Avenida Goiás e a execução parcial do projeto Cara Limpa, que tinha como objetivo ressaltar os prédios de orientação Art Déco por meio de

utilização de cores específicas. Enfim, para concluir, a memória patrimonial nos revela nuances dos primeiros tempos da cidade, a ideologia dos seus idealizadores e de seus construtores.

Já as narrativas memoriais cotidianas nos permitiram acessar cicatrizes da Avenida Goiás, sua historicidade e suas contradições. Essas testemunhas nos indicam que, para além das formas físicas, existe um espaço que foi praticado e apropriado de acordo com os arranjos socioculturais de cada época. Tentamos nesse trabalho demonstrar as dimensões temporais da Avenida Goiás, as normas e cotidianos foram abordados, projetos do passado e do presente mudaram a morfologia e a dinâmica urbana do lugar. O futuro da paisagem da Avenida Goiás será determinado pela escolhas do presente. Essas modificações serão realizadas pelo poder público, conforme os seus próprios interesses e os do mercado. Cabe à sociedade civil se organizar para reivindicar e promover a execução de projetos que lhe sejam úteis, relevantes para melhorar as condições de vida e garantir o acesso aos espaços da cidade, principalmente aqueles que fazem parte de uma memória social coletiva.

Temos que observar a questão da rua, do espaço urbano, como parte da vida cotidiana. Se a sociedade civil não se organizar e reivindicar seus locais de memória, o poder público vai continuar decidindo por si. Podemos perceber aqui a importância das políticas patrimoniais, principalmente nesse momento de reconstrução da cidade que estamos vivendo, que do dia para a noite prédios históricos em Goiânia são destruídos para darem lugar a comércios e estacionamentos. O tombamento serviu para conservar essa nuance do passado do município, mas devemos prestar atenção nos objetos patrimoniais e nos valores que eles possuem do ponto de vista da população. O alerta que fica é sobre a questão dos guardiões da nossa memória e de uma memória que por muitas vezes não é registrada; outra abordagem e outro ponto de vista sobre as histórias oficiais das cidades.

Goiânia tem 81 anos. Os nossos idosos que viram essa cidade, suas práticas, o que acontecia nos primeiros tempos já estão falecendo. Durante a minha pesquisa, três dos meus entrevistados, representantes da terceira geração, faleceram antes da conclusão do trabalho. Se eu não tivesse feito as entrevistas

antes eu não teria esses dados aqui hoje, não da forma em que apareceram. Então, deixo essa observação para os estudantes e curiosos das histórias das cidades, busquem suas testemunhas, façam logo o registro de suas narrativas. Escutem as histórias de seus idosos, pois essas vozes podem ser caladas a qualquer momento.

Questionamentos

- Quais foram os desafios e as vantagens da pesquisa com fontes orais?

Uma das vantagens é que você pode navegar no passado conversando com as pessoas, você pode perguntar o que quiser para elas, que elas vão te falar e isso não acontece dessa forma com as outras fontes. Consultando outras fontes você vai saber aquilo que foi registrado. Há muitas vantagens em se trabalhar com esse tipo de fonte. Mas é delicado conduzir todo o processo da entrevista, você tem que aprender a acompanhar, ter paciência, repetir várias vezes as sessões caso não consiga fazer o registro, estar atento, porque talvez você não tenha uma segunda chance. E também exige escolher as formas para fazer uma análise do material coletado. Nesse caso, optei por uma análise de conteúdo temático, dessa forma, foi bem prazeroso lidar com esses dados.

- Qual foi a parte mais difícil do seu projeto?

As partes mais difíceis foram a delimitação do tema, do problema e a escolha do método, porque fui levantando material e depois fiquei sem saber muito bem como organizar isso. Conversei muito com meu orientador e chegamos ao método de análise progressivo-regressivo elaborado por Henri Lefebvre. O que foi fantástico! Dessa forma, consegui organizar meu trabalho, só que sempre é complicado a delimitação do tema, a definição do objeto. Então, antes de começar é muito bom pesquisar bastante e tentar estruturar essa parte do trabalho. Isso porque, depois, quando você chegar lá na frente e já tiver pesquisado um monte

de coisa, de repente pode ter que voltar lá atrás, porque quando estava levantando o material não explorou o que você delimitou posteriormente.

- Com a revitalização da Av. Goiás o conceito de patrimônio se perdeu para a população. Muitas pessoas veem o Coreto, o Grande Hotel e a Torre do Relógio apenas como elemento decorativo. Como reverter esta situação?

Bom, primeiro é a questão da educação, porque as pessoas não vão notar os objetos cotidianos se não houver alguém para dizê-las. É interessante que o meu noivo morava em um setor afastado do centro, quando ele começou a conviver comigo, comecei a apontar para ele e ele começou a me falar: - Eu não tinha percebido isso. Então, é essa mesma questão com a população, é você ensinar a enxergar, porque se não tiver ninguém para mostrar, ninguém vai ver, pois tomamos a paisagem atual com certa naturalidade, como se todos os elementos que estão lá sempre existiram, não necessariamente como uma construção histórica.

- Olá, em meu município estamos com um problema parecido, pois a prefeitura está "modernizando" o centro da cidade e assim mudando corredores arborizados e prédios antigos. Neste ponto, questiono como a comunidade goianiense busca preservar os prédios e espaços históricos mesmo não sendo Art Déco? Sua pesquisa flui sobre estes aspectos?

Bom, na verdade não flui, mas de acordo com os meus estudos penso que a sociedade civil deve se organizar para propor e contestar projetos. É importante que a sociedade se manifeste e diga: - Olha, isso é importante pra gente. É importante que a cidade se reconstrua, é essencial a adequação das formas antigas às novas funções, faz parte da dinâmica urbana. Mas em determinados momentos a população deve se manifestar e dizer: - A gente prefere que o trânsito seja mais lento, mas queremos conservar essa casa. O posicionamento

da sociedade é importante para que alguns espaços da cidade sejam conservados.

- Danielle, você ressaltou a necessidade da memória, principalmente dos idosos, a oralidade. Você considera que falta a memória em outros documentos, como escritos, por exemplo?

Não, de certa forma documentos escritos também são a memória. A questão é onde você busca esses documentos, por que eles foram escritos? A gente tem um tipo de memória, no caso, se você procurar nos documentos oficiais vai encontrar a memória oficial. Assim, a gente tem que pensar que temos uma abundância de pontos de vista dos mesmos tempos, então, temos diversidade de memórias. No meu caso, eu quis procurar a memória cotidiana, portanto, eu pesquisei moradores comuns, mas eu sinto que tem poucas pesquisas que trabalham com esse tipo de público. Eu vi muito sobre relato de memória dos fundadores e das pessoas importantes da cidade, mas eu quase não encontrei sobre os moradores comuns que viveram em outros lugares ou até em outras regiões sem ser o centro da cidade. Por isso eu acho que precisamos muito disso, de pesquisas que explorem as memórias desses moradores comuns.

- Concordo quanto à educação ser fundamental para reverter uma situação. Mas ainda assim continuo a questionar como trabalhar essa educação em forma de ação educativa, ou não seria um projeto educacional direcionado às escolas públicas? Pois, infelizmente, o centro urbano de Goiânia é utilizado como meio de locomoção e as pessoas não tem tempo para apreciar e "ser educada". Como transformar essa realidade?

É por meio de projetos educacionais mesmo. Eu vejo assim, projetos voltados para a educação pública que deem um incentivo a esses alunos buscarem os pais, os avós, os mais velhos para fazer esse tipo de trabalho que é a integração da escola e da comunidade. Porque se colocamos o passado em

uma posição de valor, devemos também colocar os idosos nessa posição, pois eles vêm perdendo espaço na sociedade. Então, é uma forma até mesmo de devolvê-lo ao idoso, porque eles, em outros tempos e outras sociedades, eram considerados fontes de sabedoria, de conhecimento. Podemos observar que antes do conhecimento ser tão fácil como é agora, clica o mouse e está no Google, eles eram consultados com mais frequência. Portanto, acredito que um processo que envolva a família e a comunidade e que incentive os alunos a conversarem com os avós seja um dos caminhos. Dessa forma, vejo uma possibilidade.

- Você disse que em certo momento da pesquisa percebeu que as entrevistas individuais eram mais difíceis do que trabalhar com os coletivos (memórias coletivas). Essa mudança alterou algo no decorrer do seu trabalho?

Alterou para melhor porque alguns dos entrevistados realmente não conseguiam desenvolver as narrativas de forma individual. O que eu mais escutava era: - Ah, mas eu não lembro isso, fala com fulana que ela vai falar melhor. Quando eu reuni todo mundo, lógico que tive que optar por grupos de quatro pessoas ou três, porque muitas vozes tornariam complicado fazer a transcrição, pois surgiam muitas conversas cruzadas. O positivo foi que um lembrava a mesma coisa que o outro, cada um de uma forma, então, havia debates, discussões e comentários. Dessa forma, a narrativa do outro, a memória do outro era estimulada. Parece que o processo de evocação de lembranças era estimulado quando a pessoa tinha um interlocutor que viveu e conviveu na mesma época.

- Em sua opinião, qual modelo de política pública deu certo e que poderia ser seguido por outros estados no que tange à questão patrimonial de Goiás?

Bom, eu não sei dizer, porque cada região tem suas especificidades, então, o que deu certo aqui, talvez não desse em outra. Eu acredito que as políticas públicas de requalificações de espaços devam ser desenvolvidas junto com os moradores.

- Olá Danielle, tendo em vista as suas pesquisas, você conseguiu identificar se a população goiana consegue discernir a importância e o valor dos patrimônios culturais do centro de Goiânia ou ela acha que são meros enfeites para a paisagem da cidade?

Na verdade é engraçado, porque não há uma reflexão sobre isso por parte da população em geral, só entre alguns grupos específicos. Há aquilo que as pessoas sabem que existia desde sempre, sabem que, de alguma forma, é valioso porque é antigo. Mas não entendem muito bem o porquê. Aí eu bato na mesma tecla, que é a questão da falta de diálogo das novas com as velhas gerações. É falta de você ter um diálogo com o seu avô, para perguntar e ele te falar sobre o passado. Só comecei a ter esse olhar em relação à Avenida Goiás, sobre seu passado, porque tive quem conversava comigo sobre isso. Minha tia-avó Lili me contava histórias do lugar desde que eu era criança. Toda vez que andava com ela pela avenida, me contava:

- Olha, aqui antes eu usava para fazer o vai e vem, ali era a única sorveteria que tinha.

Eu tive alguém para me abrir esse olhar. Foi assim que consegui enxergar. Então é isso que acontece com essas outras pessoas, precisam de alguém para direcionar o olhar. Eu percebo que a maioria delas realmente não sabe o motivo de algo ser tombado ou não, e o porquê da importância em se conservar algumas coisas. Agora a questão do Art Déco explodiu tanto aqui em Goiânia que por várias vezes abri um jornal e os jornalistas falavam sobre casas que foram destruídas dizendo que a orientação estilística delas era Art Déco. E por muitas vezes nem era, mas eles falam que sim só porque era antigo e porque têm como referência esse processo de tombamento ocorrido em 2002. Mas o que eu percebo com isso? Percebo que agora a consciência histórica patrimonial está

sendo discutida de alguma forma e isso é importante. Pelos novos meios de comunicação, pelas redes sociais, conseguimos incentivar essa questão.

- E você conversou com muitos moradores para fazer esse trabalho?

Formalmente não. Conversei inevitavelmente com amigos, com o resto da família, mas como a minha pesquisa era qualitativa eu tive que fazer um recorte com um grupo pequeno, senão eu teria um trabalho de anos. Mas acabei trocando ideias com pessoas de diversas idades e percepções da cidade.

- Professora, o que acha que seu trabalho mudou e mudará em relação à cidade, história e vida das pessoas que convivem neste local?

Bem, o meu trabalho dá um direcionamento de olhar, o que acredito ser necessário para as pessoas pensarem as formas da cidade de forma crítica. Espero que a leitura da minha pesquisa possa auxiliá-las a andarem pela cidade e refletirem sobre o porquê da Avenida Goiás ter o formato de hoje. Estou estudando a aplicação pedagógica, material didático, do método de análise que utilizei.

E tem também a questão do alerta para as memórias dos mais idosos, pois acredito que isso é a chave pra descobrirmos muita coisa que não foi documentada. Além da importância da ocupação do espaço urbano, que foi algo que explorei menos nessa fala minha. Mas é porque são várias coisas na dissertação - ela é bem extensa – e esse é um dos vieses, porque a rua é um espaço essencialmente democrático, é um espaço de transição de um lugar entre o outro. É um ambiente que gera lembranças, portanto, ela é nossa e temos que decidir como ocupá-la.

Essa é a questão de ocupação da rua que eu considero importante. Vejo, por exemplo, a Avenida Goiás totalmente abandonada e este é um espaço para realizações, é um espaço para a sociedade, é um espaço para as reivindicações, para as manifestações artísticas e nem sempre isso é explorado, também influenciado pelos problemas da segurança pública. Portanto, a partir dessa

percepção da ocupação da rua, uma série de discussões também pode ser levantada.

- Outro ponto. Ao estudarmos a história da construção de Goiânia, vemos a existência de uma primeira rua onde ficavam os trabalhadores da construção, questiono nas lembranças das memórias pesquisadas por você se há algum relato referente a esses trabalhadores e seus destinos?

Falo sobre o bairro popular. Esse é outro recorte que fiquei muito interessada em explorar, mas não pude, porque o trabalho já estava bem extenso. Tomo a Avenida Goiás como a primeira rua oficial, mas tenho consciência dessas outras ruas formadas por esses trabalhadores, porém, não pude explorar essa parte. Acredito que um estudo sobre a história dos trabalhadores e os espaços que eles habitavam seria de muita valia, além de extremamente necessário.

Houve até um processo de demolição nessa região do bairro popular que foi para construir o estacionamento do Mutirama, que é outra parte que está totalmente fora dos livros históricos da nossa cidade, e onde temos construções extremamente antigas. Já o grupo específico que pesquisei vivia abaixo da Avenida Paranaíba, que cruza a Goiás.

Essa divisão também é percebida, pois a parte do bairro acima da Paranaíba, em direção à Praça Cívica, era o local comercial e onde viviam as pessoas mais ricas, indo até as casas da Rua 20, as primeiras casas residenciais construídas oficialmente. E na parte do Setor Central que fica abaixo da Paranaíba, morava o pessoal do bairro popular e a minha família, que são os sujeitos dessa pesquisa. Moravam na primeira quadra, logo abaixo da Paranaíba. Eles vieram de Morrinhos para Goiânia, em uma situação de classe média, então, não consegui obter relatos dos trabalhadores de fato de Goiânia, não estavam no meu recorte.

Em relação às contradições, o engraçado é que não consegui encontrar, até porque eu não localizei nenhuma pesquisa ou nenhum documento que fosse extenso sobre a modificação da paisagem. Dessa forma, as pessoas não conseguiam localizar exatamente o que elas estavam me relatando. Elas

conseguiam se lembrar: - Porque na época de 70 era assim, assim e assim... E isso me ajudou a pesquisar, ir nos arquivos e descobrir recortes e relatos, e eu nunca encontrei muitas diferenças e discrepâncias entre os documentos oficiais e as narrativas.

- Você falou que abordou apenas alguns aspectos aqui. No trabalho você aborda também algo relacionado à arte urbana? Existem manifestações de cultura visual nessa linha na Avenida Goiás?

Eu não abordo porque o recorte também não permitiu, mas é uma das coisas que andam acontecendo com maior frequência, inclusive depois que eu havia terminado a minha dissertação, eles fizeram a galeria aberta na Avenida Goiás, onde diversos artistas pintaram as portas de aço do comércio. Eu vejo isso como extremamente positivo. Existem os que acham que isso atrapalha a paisagem do patrimônio que existe edificado, já eu acho que tem que ter vida e a arte de rua é vida, não podemos querer conservar só uma temporalidade.

Há um projeto que diz que pretende ‘apagar’ os prédios de outros tempos e outras orientações com cores neutras, para poder ressaltar os prédios em Art Déco. Não concordo com essa proposta, pois acho que nossas memórias e os nossos patrimônios não devem congelar um tempo e uma coisa específica. Então, para mim essa manifestação de arte urbana é extremamente importante para a nossa cidade e também um registro histórico.

- Como você observou nos discursos dos entrevistados aquilo que derivava da memória e o que respectivamente poderíamos caracterizar como “imaginação criativa”, “ilusória” de um passado? Você levou essa hipótese em consideração ao analisar os áudios coletivos? Como lidou com esse desafio? Parabéns pela pesquisa.

Obrigada. E sim, uma preocupação que temos quando lidamos com narrativas memoriais é a questão da verdade. Mas nenhuma fonte te revela de fato “o que realmente aconteceu”. Trabalhei com a categoria paisagem, então,

não me prendi muito a essa questão. O que acontecia era a confusão com datas, mas isso sendo confrontado com outras pessoas e fontes resolveu-se rápido. Se fosse a análise, se pautasse em história de vida, podia vir algum fato ou outro que na verdade viria da imaginação, mas no caso de trabalhar com uma percepção que é de certa forma objetiva, em relação ao que era visto e com o que acontecia no espaço, eu não tive grandes problemas.

- Nas pesquisas que já fiz em minha cidade, percebi que a rua tinha um valor diferente de hoje, seu simbolismo é diferente. Todos que moravam nas cidades queriam estar mais próximos da rua, era um local de socialização, hoje as ruas de antes tem um caráter mais comercial. Em seu trabalho você percebeu esta mudança também?

Sim, porque a rua era o local de socialização, as pessoas iam para conversar, para encontrar amigos. Atualmente, as ruas, e principalmente as grandes avenidas, são lugar de trocas comerciais. Acredito que isso seja herança da ditadura militar em que as pessoas não podiam se encontrar na rua. Rua era lugar de circular e não de ficar conversando, então, creio que até por uma questão histórica a relação delas com a rua mudou. Só que no nosso atual contexto podemos tentar reabilitar a função da rua como lugar de convivência e não só de trajeto.

- Obrigada Danielle pelo esclarecimento. Você fala sobre a busca e o resgate da memória coletiva de pessoas mais idosas que vivenciaram a historicidade dos nossos patrimônios, mas observamos que cada vez mais as pessoas não têm esse tipo de diálogo, devido à inserção das tecnologias e suas ferramentas que intermediam as mais diversas relações sociais. Você acha que as políticas públicas e os projetos realizados atualmente estão caminhando de mãos dadas com essas novas tecnologias ou elas se constituem como novas barreiras para a conscientização do cidadão goiano?

Eu acho que na verdade elas são mais uma ferramenta, que usadas da forma correta – apesar de não saber se há uma forma correta – podem influenciar nas questões a partir da forma como é utilizada. Pela minha experiência, as redes sociais estão sendo úteis. Por exemplo, uma casa modernista estava sendo demolida perto da minha casa, fomos lá, fizemos fotos do que havia restado. Foram feitos *posts* no *facebook* e surgiu uma série de pessoas reclamando e dando opiniões. Então, percebemos que as redes são um instrumento de coesão social. Devemos nos adaptar às novas tecnologias para usá-las para os fins que acreditamos ser corretos. Assim, não vejo como uma barreira, mas como um meio de educação e conscientização.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARMO, Danielle do. **Memória e patrimônio no espaço urbano:** a Avenida Goiás em Goiânia. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, n. 27, p. 63-76, 1998.